



SUPERANDO O RACISMO NA ESCOLA

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2ª edição revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – 1999. 204 p.

Alexandre de Araújo Lima¹

Kaliny Custódio do Carmo²

Maria Claudiane Cunha de Souza³

Shayra Luany de Souza Feitosa⁴

Kabengele Munanga é antropólogo e professor brasileiro-congolês. É especialista em antropologia da população afro-brasileira, atentando-se a questão do racismo na sociedade brasileira, também é graduado pela Université Officielle du Congo (1969) e doutor em Antropologia pela Universidade de São Paulo (1977). Munanga organizou o livro “Superando o racismo na escola”, obra que contém textos de 11 (onze) autores que são professores e especialistas em educação, sendo eles: Ana Célia da Silva, Antonio Olímpio de Sant’Ana, Gloria Moura, Helena Theodoro, Heloisa Pires Lima, Inaldete Pinheiro de Andrade, Maria José Lopes da Silva, Nilma Lino Gomes, Petronilha Beatriz Gonçalves, Rafael Sanzio Araújo dos Anjos e Vera Neúsa Lopes. A obra em questão foi editada pelo Ministério da Educação em 1999, e recebeu contribuições do Grupo Interministerial para Valorização da População Negra (GTI da população negra).

O livro é fruto das ações do Programa *Diversidade na Universidade*, que tem como objetivo a defesa da inclusão social e o combate à exclusão social, étnica e racial, por meio do fomento de subsídios para construção de políticas públicas nesse sentido. Tem o intuito de abordar temáticas sobre o racismo dentro da educação básica e diminuir o preconceito, tendo em vista que a formação cultural do Brasil se caracteriza pela miscigenação de etnias e

¹ Acadêmico do curso de Licenciatura em História na Universidade Federal do Acre, 1º período.

E-mail: alalexandrearaujo@gmail.com

² Acadêmica do curso de Bacharelado em História na Universidade Federal do Acre, 5º período.

E-mail: kalinycustodio@gmail.com

³ Acadêmica do curso de Bacharelado em História na Universidade Federal do Acre, 5º período.

E-mail: claudianeczs7@gmail.com

⁴ Acadêmica do curso de Bacharelado em Psicologia na Universidade Federal do Acre, 3º período.

E-mail: shayraluany18@gmail.com



Revista Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

culturas. Partindo destes pressupostos, o Ministério da Educação (MEC), realiza a publicação da obra, tendo como objetivo gerar um amplo debate entre professores e alunos, dos quais muitos não tiveram acesso ou não deram a devida importância para a temática da diversidade racial. Com essa perspectiva, surgiu a necessidade de levar informações para o maior número de pessoas possível, afim de gerar debates e quebrar paradigmas. O livro trata sobre a relevância da desconstrução do preconceito e discriminação racial, levando em consideração a inexistência de debates nas escolas de Educação Básica, propõe-se que é de onde se deve iniciar a prática de desconstrução e reversão ideológica e dos estereótipos no ambiente escolar.

Os autores e autoras que fazem parte do livro trabalham através de pesquisa bibliográfica e em campo. Tendo em vista que, o racismo teve início no XV e nos dias atuais ainda existe, Munanga critica o eurocentrismo do conhecimento, imposto pela educação e aplicado aos currículos atuais que não leva em consideração a busca dos povos de descendência afro-africana, não visibiliza suas culturas, religiões e suas origens de um modo geral, sendo assim, se nota a necessidade de uma revisão dos conteúdos relacionados ao preconceito e discriminação, as formas de combatê-los e a inserção dessas temáticas nos manuais didáticos.

A obra teve como pontapé inicial a percepção do grande desafio da educação como estratégia na luta contra o racismo, da necessidade dos professores em descobrir, inventar técnicas e linguagens capazes de superar o que está impregnado na mente das pessoas, da falta de políticas públicas nesse sentido, dos instrumentos de trabalho nas escolas e na sala de aula, os livros e outros materiais didáticos visuais e audiovisuais que carregam os mesmos conteúdos viciados, depreciativos e preconceituosos em relação aos povos africanos e indígenas. Conteúdos baseados nos colonialismos aliados as necessidades do capitalismo que cominou por muito tempo com o domínio do homem branco sobre o homem negro, o livro aponta o racismo como um grave problema na nossa sociedade e que precisamos mobilizar toda a sociedade para combatê-lo.

A formação e informação são vetores essenciais para o combate do racismo, o qual se instalou em todos os âmbitos de nossa sociedade, e especificamente no âmbito educacional, que tem sido tão prejudicial e nocivo à população negra. E estas informações trazidas á debate



Revista Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

pelos teóricos acima citados são de vital importância para a construção de novas formas de combate ao racismo, onde podemos visualizar de diversas formas no currículo, para que possamos nos desafiar a fazer parte da luta para combater o racismo, preconceito e a discriminação, desta forma, respeitando as diferenças culturais, religiosas e raciais.

No primeiro artigo da obra, de Ana Célia da Silva, a autora traz abordagens sobre os fatores de estereotipar o negro como pobre, desprovido de inteligência, feio e até como criminoso em potencial, Ana Célia busca abordar em seu texto o fim destas formas de caracterização da população negra na educação básica através da formação de professores. Discute temas como: a desconstrução das ideias de o negro ser feio, sujo e de má competência onde são apontados como alguém com pouca inteligência, preconceito este introduzido no período pós escravidão para justificar a exclusão na educação. Os estereótipos ao negro, segunda a autora e a análise do livro didático, se associam a eventos de tragédia, sujeira, maldade, ou simbolicamente como uma cor maligna, e isto leva a criança a não gostar da própria cor, não por si mesma, mas por socialmente esta cor assumir uma carga de conceitos negativos e sem valor. Ana, nos mostra questões sobre a ressignificação das religiões afro-brasileiras e o conceito de pobreza e também meios de corrigir a auto rejeição. A autora termina seu texto fazendo uma citação de Steve Biko, onde diz que: “o primeiro passo é fazer com que o negro se encontre a si mesmo, insuflar novamente a vida em sua casca vazia, infundindo nele o orgulho e a dignidade”.

O texto de Antônio Olímpio de Sant’Ana, intitulado *História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados* é o segundo artigo do livro. O autor traz indagações sobre como o negro é visto perante aos olhos da sociedade, e qual a ideia formada ao falarmos sobre o negro, mostrando abordagens necessárias para se entender o racismo é o que ele representa. Através do subtítulo *Analisar o passado para entender o presente*, o autor cita estudiosos como Ben Marais e Munanga utilizando-os para suas argumentações. Olímpio mostra conceitos sobre as terminologias do que é o racismo, como ele se instala e como está implantado dentro das salas de aula, na mente de alunos e de professores, demonstrando através de pesquisas realizadas em campo feitas por pesquisadores ligados a temática como algumas pesquisas citadas em seu artigo, são estas: “Estereótipos e Preconceitos em Relação ao Negro no Livro de Comunicação e Expressão de 1º grau, nível 1 (1ª à 4ª séries)” sendo



Revista Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

realizada pela Professora Ana Célia da Silva, da Universidade Federal da Bahia, a pesquisa tinha como objetivo investigar a existência de estereótipos e preconceitos em relação ao negro no livro didático e a percepção do professor quanto à sua existência e o seu papel de mediador dos mesmos (SILVA, 1987, p. 91-98); Como segunda pesquisa ele aponta “Preconceito Racial na Escola/1988”, tendo com pesquisadora responsável Vera Moreira Figueira, pesquisadora do Arquivo Nacional do Rio, a pesquisa teve como objetivo demonstrar a existência do preconceito racial na escola, correlacionando-o com outros dois agentes internos atuantes na instituição: o professor e o livro didático, comprovando, assim, a existência de um “ciclo” capaz de embutir e reproduzir o preconceito racial junto ao alunado (FIGUEIRA, 1990, p. 63-73), nessa pesquisa utilizou-se a aplicação de questionários, para a maioria dos entrevistados. Por fim, o autor traz significados de palavras como: racismo, preconceito, discriminação, discriminação racial, gênero e estereotipo.

O terceiro artigo é uma abordagem de Glória de Moura, e tem como título *O direito a diferença*, a autora tenta mostrar o papel da escola como fonte de afirmação das identidades à luz das experiências dos quilombos contemporâneos, valorizando as diversas identidades que integram a identidade brasileira, por meio de um currículo que faça com que estes indivíduos venham a conhecer as origens do seu povo. Tal abordagem se torna importante porque grande parte dos brasileiros negam as suas características e identidade. No artigo a autora procurou compreender a contribuição das festas dos quilombos contemporâneos como fator formador e recriador de identidade, analisando-as como veículo de transmissão e internalização de valores que possibilitam a afirmação e a expressão da diferença/alteridade e, ao mesmo tempo, a negociação dos termos de inserção das comunidades rurais negras na sociedade como um todo, percebendo-se, desse modo, a seriedade dos quilombolas na realização de suas festas. Esta liberdade se torna tão importante, mas as vezes vedada e barrada pelos currículos. É necessário um currículo que seja vinculado às matrizes culturais diversificadas que fazem parte da formação da nossa identidade nacional, levando também em consideração as diferenças étnicas entre os alunos, e todos os valores culturais que carregam a cor e a identidade do negro. Assim, enquanto em sua própria comunidade, ser negro é um valor positivo, celebrado em todas as festas quilombolas e passado através das gerações às crianças e aos jovens, no ambiente escolar esta criança se sente intimidada o suficiente para negar o



Revista Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

que, em outras circunstâncias, poderia ter orgulho de afirmar, evidenciando a carga negativa do preconceito que perpassa a educação formal.

Buscando caminhos nas tradições é o quarto texto constituinte deste livro, de autoria de Helena Theodoro, Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da UFRJ e Doutora em Filosofia pela Universidade Gama Filho. O texto trata-se de uma análise das obras literárias destinadas a crianças e a forma que o personagem negro é representado. A autora traz em seu texto conceitos e significações sobre as populações afrodescendentes, mostrando a linguagem como fator importante para a autoafirmação. Helena traz em seu artigo, análises de músicas, poemas e textos literários, onde mostram a vida cotidiana do negro. A linguagem do corpo também é um assunto trazido pela autora, abordando também a questão das mulheres e sua importância na dança e no ritmo. O artigo *Buscando caminhos nas tradições* é uma forma de releitura dos elementos que compõem as culturas negras no Brasil, segundo a autora, somente um aprofundamento pedagógico, que nos direcione para uma pedagogia genuinamente brasileira, será capaz de resgatar para todos os brasileiros uma cultura nossa, considerada até agora marginal, mas que responde pela identidade cultural do país, estando presente em todos os setores da sociedade.

O artigo *Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil* e o quinto texto que faz parte deste livro. O texto traz a abordagem de que nos livros de nossa infância, temos poucas representações de figuras negras e quando haviam esta representação era de forma estereotipada, ou inferiorizando o negro. Heloisa Pires Lima, que é a autora do artigo explana sobre a questão ressaltando da dificuldade de se encontrar na infância, ou até hoje negros como protagonistas. Outra abordagem importante é de como o indivíduo negro sempre está ligado a escravidão, onde naturalizam o sofrimento e reforçam a associação com a dor, ou seja, sempre mantendo a marca da condição de inferiorização pela qual a população negra passou. Cabe ressaltar que não é contar a história da escravidão, e sim a forma como isto é contada. A abordagem, geralmente deixa as crianças negras constrangidas frente a um espelho de degradação e inferiorização. O artigo também traz várias imagens que trabalham o negro com inferiorização de suas características físicas, expressões faciais e comportamentos, e sempre ligando o negro a degradação e a pobreza, abordagem também encontrada nas obras de Monteiro Lobato uma das interpretações sobre a extensa obra desse autor apresenta-o



Revista Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

como questionador da consagrada inferioridade do povo brasileiro. Lembrando que essas histórias possuem todo um contexto, foram escritas em uma época extremamente racista e preconceituosa, onde muito dificilmente os autores da época poderiam escrever algum conteúdo excluindo totalmente o racismo de suas obras.

O sexto artigo que compõe esta obra é *Construindo a autoestima da criança negra* de Inaldete Pinheiro de Andrade. Em seu texto ela conta suas experiências relacionada ao livro didático e também conta de seu projeto que é uma oficina de leitura. No decorrer do artigo a autora fala de sua experiência e suas pesquisas através da análise de diversos livros, seus parceiros que ajudaram na construção e realização do projeto e também a importância dele para o professorado. Inaldete faz menção ao Movimento Negro e a sua importância para que a mesma pudesse realizar o que ela chama de “sonho”.

Maria José Lopes da Silva e a autora do sétimo texto que compõe a obra, sobre o título de *As artes e a diversidade étnico-cultural na escola básica* busca discutir a correlação entre o currículo de Arte e as relações étnicoraciais na escola pública numa perspectiva teórico-prática, enfatizando a lei 10.693/03 e as políticas educacionais voltadas para questões de raça no espaço escolar. Neste sentido, compreende que os processos educativos devem ser vistos com uma lente cultural nos quais a diversidade e a diferença étnica possam conviver dentro do espaço escolar de maneira equilibrada e respeitosa.

O sétimo artigo da obra tem por título: *Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação* de autoria de Nilma Lino Gomes. A autora aponta que para que a escola consiga avançar na relação entre saberes escolares/ realidade social/diversidade étnico-cultural é preciso que os(as) educadores(as) compreendam que o processo educacional também é formado por dimensões como a ética, as diferentes identidades, a diversidade, a sexualidade, a cultura, as relações raciais, entre outras. Porém, é necessário que, na educação, a discussão teórica e conceitual sobre a questão racial esteja acompanhada da adoção de práticas concretas. Nilda aponta com uma estratégia interessante e que poderá nos ajudar na mudança de valores e práticas é conhecer outras experiências de intervenção bem-sucedidas no trato da questão racial. Uma outra proposta de trabalho com a diversidade étnico-racial e que pode ser considerada como uma estratégia de combate ao racismo no interior da escola refere-se à organização de trabalhos conjuntos entre diferentes instituições escolares. Porém,



Revista Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

todos estes são barreiras que devem ser quebradas para uma melhor atuação tanto na educação básica como nas práticas em sociedade.

Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras de Petrolina Beatriz Gonçalves e Silva e o oitavo artigo organizado por Munanga. Segundo a autora, ao dizer africanidades brasileiras estamos nos referindo diretamente às raízes da cultura brasileira que tem origem africana, os costumes e hábitos que fazem parte do nosso cotidiano. Esses costumes e hábitos vêm sendo elaborados há quase cinco séculos, na medida em que os africanos escravizados e seus descendentes, ao participar da construção da nação brasileira, vão deixando nos outros grupos étnicos com que convivem suas influências e, ao mesmo tempo, recebem e incorporam as destes. É importante, desde logo, lembrar, sobretudo em se tratando de estudos que se propõem a conhecer e valorizar feições étnico-histórico culturais, e por isso mesmo socialmente situadas, que não há um único estilo de apreender e de significar o mundo. As maneiras como nos aproximamos de novas situações, de dados que precisamos decodificar, produzindo conhecimentos, são marcadas pelas experiências que vamos vivenciando, ao longo da vida, juntamente com os companheiros dos grupos a que pertencemos, como o grupo étnico, religioso, de trabalho, de brincadeiras, dentre outros. No âmbito escolar e acadêmico, as africanidades brasileiras constituem-se em campo de estudos, logo, tanto podem ser organizadas enquanto disciplina curricular, programa de estudos abrangendo diferentes disciplinas e como área de investigações. Em qualquer caso, caracterizam-se pela interrelação entre diferentes áreas de conhecimentos, que toma como perspectiva a cultura e a história dos povos africanos e de descendentes seus nas Américas, bem como em outros continentes. Nesse contexto, estabelecer e reconhecer novas perspectivas educacionais para uma compreensão do papel do tráfico, da escravidão e da diáspora africana como elementos formadores da configuração do mundo contemporâneo constituem pressuposto básico para traçar um novo perfil do papel das culturas negras na formação do Brasil. Ter respeito e valorizar as diferenciações culturais e étnicas em um território não significa aderir aos valores do outro, mas, sim, ter respeito como expressão da diversidade.

O nono artigo e de Rafael Sanzio Araújo dos Anjos, intitulado de *A geografia, África e os negros brasileiros*, o autor ressalta as questões estruturais relacionadas à cultura africana no Brasil que continuam merecendo investigação e conhecimento, destacando as relacionadas



Revista Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

aos aspectos geográficos e historiográficos da nossa formação territorial, geralmente tratadas sem as referências devidas às matrizes e ancestralidades africanas “invisíveis” na sociedade brasileira. No texto Rafael resgata as principais referências da geopolítica da diáspora África-América-Brasil e a configuração atual da população afro-brasileira contemporânea. O pensamento social preconceituoso ainda dominante e o desconhecimento da população do país, no que se refere ao continente africano e as suas relações com o Brasil, continuam sendo um dos entraves estruturais para uma perspectiva real de diminuição da exclusão e invisibilidade secular, assim como, a criação no setor decisório, das condições necessárias para a implementação eficaz de políticas públicas mais articuladas e com resultados satisfatórios, sobretudo, na educação e no espaço geográfico.

O último artigo é de autoria de Vera Neusa Lopes, vai tratar sobre racismo, preconceito e discriminação. A autora traz um leque de procedimentos e outros métodos que o professor pode desenvolver em inúmeras situações ao longo do ano letivo quando o foco poderá ser outra etnia.

Kabengele Munanga não apresentou suas próprias considerações finais, mas levantou algumas problemáticas, onde um bom leitor será capaz de compreender e interpretar seu desfecho da obra. Cada artigo apresentado mostrou possibilidades para superar o racismo ainda tão presente nas salas de aulas. A proposta do Munanga, é muito bem executada por sinal, trazendo outros autores que trabalham formas para vencer o racismo no âmbito escolar, e é de grande importância para a formação de profissionais capacitados para trabalhar essa temática nas escolas, e pode ocorrer através de questionamentos dos livros didáticos, atividades na classe, e extraclasse com a comunidade por exemplo, além de buscar fontes que contam a história dos negros e da sua importância para a construção da sociedade hoje então chamada brasileira.

Logo, o principal objetivo da obra é fundamentar o educador para uma prática pedagógica, com as condições necessárias para identificar e corrigir os estereótipos e a invisibilidade constatados nos materiais pedagógicos, especificamente nos textos e ilustrações dos livros didáticos. Pois é impossível negar a existência do racismo, além deste ainda estar muito presente em nossa sociedade e principalmente no ambiente escolar, e sua superação só será possível quando medidas no ensino da educação como estas apresentadas na obra forem



Revista Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

tomadas, já que a escola tem um papel muito importante na vida dos alunos que é ensinar, e de certa forma estes reproduzem o que lá aprendem.

Fato é que enquanto a escola mostrar descaso pelo reconhecimento das múltiplas “identidades” e pelas diferentes culturas dos diversos segmentos que historicamente integram a formação do nosso país como tarefa indispensável de formação para o exercício da cidadania, mais difícil vai ser para acreditarmos em igualdade racial.

Os artigos apresentados na obra procuraram trazer uma abordagem clara em seus textos e trataram com coesão e coerência a temática abordada em cada um deles. Também é importante ressaltar que cada autor de cada artigo componente da obra deixa claro seu objeto de estudo, a problemática e a metodologia utilizada, o que dá ao leitor uma maior possibilidade de compreensão e interpretação do que está escrito. Em suma, a obra através do seu estilo abre possibilidades para quem a leia consiga entendê-la de forma simples e clara.

É possível dizer que ao decorrer do livro, os autores em suas ideias, seus referenciais teóricos, em seus exemplos, afirmações e argumentos, obtêm êxito pois mostram domínio de conteúdo por meio de linguagem correta e adequada, isto faz com que quem lê a obra possa compreendê-la. Por se tratar de um livro com diversos artigos e de autores específicos, exhibe particularidades, alguns trazem experiências retratadas pelo escritor que utiliza a primeira pessoa do discurso pelo fato do artigo ser fruto de pesquisas realizadas pelo próprio (a) autor (a), a exemplo disso temos: “*A desconstrução da discriminação no livro didático*” de Ana Célia da Silva, “*O direito a diferença*” de Glória Moura, “*Personagens Negros: Um breve perfil na literatura infanto-juvenil*” de Heloisa Pires Lima, “*Construindo a autoestima da criança negra*” de Inaldete Pinheiro de Andrade, “*Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação*” de Nilma Limo Gomes e “*Aprendizagem e ensino das africanidades*” de Petrolina Beatriz Gonçalves e Silva. Nos outros cinco artigos componentes da obra os autores utilizam a terceira pessoa do discurso. A presença de citações e menções de vários autores e o referencial teórico de cada artigo durante a obra dá credibilidade ao trabalho. Podemos notar a profundidade e empenho dos autores pela bibliografia ampla e a riqueza de conceitos presentes durante todo o livro.

Esta obra tem uma contribuição na luta contra os preconceitos e discriminação nas salas de aulas, além da sua grande importância para os professores nas escolas de educação



Revista Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

básica, pois através de sua leitura o educador estará capacitado para trabalhar esta temática, pondo em questão a importância das tradições africanas dentro das salas e métodos que possam ser aplicados nas escolas para que assim haja a superação do racismo na mesma. Este livro serve como auxílio para educadores na perspectiva de repassar o conhecimento, quebrando paradigmas e desmistificando a ideia europeizada enraizada nas escolas e nos métodos de ensino da educação básica, pois esta é a base para a formação do indivíduo.

As ideias trazidas neste livro podem ser consideradas originais e criativas, a exemplo disto temos artigos que inspiram educadores a trazerem temáticas voltadas para música, teatro, análise de literaturas para crianças, onde não se reproduzam ideias racistas e preconceituosas, a busca para manter as tradições da população negra como forma de se afirmar como negro, entre outros. Ao longo da obra, os autores contribuem com ideias que possam ser aplicadas dentro das salas de aula, ideias estas que são de suma importância e estímulo para alunos, sempre valorizando o negro, suas características, suas vivências e suas origens. Além das várias bibliografias disponíveis ao fim de cada texto, onde o educador, por meio dessas tenha a possibilidade de um conhecimento mais aprofundado sobre a temática.

O texto requer um pouco de conhecimento prévio sobre determinados assuntos já que o livro é voltado à práticas dentro das salas de aula em específico. A obra é destinada principalmente e inicialmente aos professores e às instituições de ensino escolar, assim também como representantes da educação e cultura e sociedade, porém o público alvo é bem mais amplo, pois vai desde educadores, gestores e políticos aos que desejam conhecer a temática. Além de se tratar de uma temática que abrange vários campos disciplinares tais como ciências sociais, antropologia, história, dentre outros. Acreditamos que é indicada ainda para os cursos que se tenham disciplinas pedagógicas, pois estes estão formando futuros professores que irão repassar isto para seus alunos. Pode-se encaixar aqui também a maioria dos cursos das humanas que tenham interesse em abranger seus campos de conhecimento.

É relevante ressaltar a importância de que os educadores realizem a leitura desta obra, pois a mesma traz meios para superar o racismo ainda tão presente nas escolas, onde esses educadores possam ser agente de transformação no meio em que ele atuam, trazendo para os alunos uma nova perspectiva, para que não se continue reproduzindo aquilo que lutamos há anos para combater.